

“ISSO É COISA DE MENINA?” – O REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS FEMININOS NAS ESCOLAS ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DE DESENHOS DISNEY

Mariana Vieira de Carvalho¹

Ester Gomes de Oliveira²

Maria Cecília Vieira de Carvalho³

Resumo

Utilizando dos filmes da franquia Disney Princesas como ponto de perspectiva, o artigo tem como objetivo principal compreender como as princesas ensinam sobre o que é ser menina e como isso se manifesta na sala de aula. Ao analisar os filmes, discorrem-se sobre as características do que é considerado ser princesa e como tais são percebidas na construção da identidade feminina. Propõe-se apresentar caminhos para modificar as práticas educacionais, visando promover a igualdade de gênero, para que as meninas se vejam como protagonistas e sujeitos com possibilidades de atuação em todos os âmbitos da sociedade.

¹ Mariana Vieira de Carvalho é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica do Município de Nova Serrana, Minas Gerais. E-mail: marianapositivo@gmail.com.

² Ester Gomes de Oliveira é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: estergomesdeoliveira86@gmail.com.

³ Maria Cecília Vieira de Carvalho é historiadora e mestre em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou como Professora Assistente 1 no Curso de Pós Graduação em Ensino de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). Atualmente atua como Articuladora de Campo – Analista Pleno, no Projeto Paraopeba da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). E-mail: mveiradecarvalho@gmail.com.

Palavras-chave

Educação. Gênero. Disney. Cinema.

Recebido em: 19/08/2020
Aprovado em: 23/11/2020

152

"IS THAT A GIRL THING?" - THE STRENGTHENING OF FEMALE STEREOTYPES IN SCHOOLS THROUGH THE USE OF DISNEY DRAWINGS

Abstract

Using the Disney Princess films as a perspective, the article's main goal is to understand how princesses teach about being a girl and how this manifests itself in the classroom of Early Childhood Education, both by children, as for/the teachers/as. When analyzing the films, it discusses the characteristics of what is considered to be a princess and how such are perceived in the construction of female identity. It proposes to present ways to modify educational practices, aiming to promote gender equality, so that girls see themselves as protagonists and subjects with possibilities of action in all the spheres of society.

Keywords

Cinema. Disney. Gender. Education.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, o cinema tornou-se um relevante veículo de comunicação. Por atingir um grande público de diferentes idades, assegurou-se como uma das artes mais aceitas e difundidas pelo mundo. Mesmo que se considere o ato de assistir filmes como uma forma de entretenimento, o cinema por sua vez, comunica ao seu público, mensagens explícitas ou implícitas que podem influenciar valores, ações e comportamentos, exercendo, às vezes, o papel de formador de opinião.

Segundo Duarte (2009, p.25) "os filmes de ficção passariam a inventar costumes, criar modas e difundir hábitos, tornando-se o entretenimento número um de milhões de pessoas em todo o mundo".

Gostaríamos de destacar, no presente artigo, os filmes de princesa produzidos pelo Walt Disney: estúdio grandioso, que se consolidou como um produtor de conteúdo infantil e juvenil com ampla repercussão mundial. Em específico neste artigo, lançaremos reflexões sobre a franquia Disney Princesas⁴ - composta por onze filmes baseados, na sua maioria, em contos de fadas e lendas tradicionais adaptados para o cinema em forma de animação.

Visto que histórias com a temática de princesas estão presentes desde a primeira infância, buscou-se compreender como essas personagens são percebidas pelas crianças. O artigo aqui desenvolvido se justifica pelo fato de que, mesmo que os filmes estejam presentes nas escolas, são utilizados como auxiliares às disciplinas, ou apenas como entretenimento, sem analisar de fato mensagens, valores, ideais e representações sociais.

Desde muito cedo, as meninas são chamadas de princesas pelos adultos com quem convivem, seja como elogio ou como forma de repreender algum

⁴ Disney princesas é uma franquia de mídia de propriedade da The Walt Disney Company, incluindo uma linha de personagens femininas de ficção que tem aparecido em vários filmes de animação da Disney. Atualmente conta com 11 personagens: Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Rapunzel e Merida.

comportamento. E conseqüentemente, essas crianças manifestam admiração pelas princesas, em falas, brincadeiras, se identificando com a cor do cabelo, vestido e corpo. Essa relação de identificação pode influenciar de modo significativo à manutenção de estereótipos e a construção da identidade feminina.

As práticas sociais são produzidas e reproduzidas numa variedade de locais sociais e o peso de sua "gravidade social" se manifesta na forma como elas estão inscritas no corpo, como movem as pessoas à ação e colocam limites à gama de possibilidades através das quais os indivíduos negociam suas identidades (GIROUX, 1997, p. 135). Na grande maioria dos filmes, as princesas são apresentadas como submissas, passivas, dóceis, restritas às tarefas domésticas e de aparência impecável. Essas formas de representação difundem um referencial de feminino limitado, pois desde cedo crianças do sexo feminino aprendem que devem cuidar da casa, cozinhar, lavar, limpar, mas também cuidar da aparência para enquadrar-se dentro do padrão de beleza dominante.

As características físicas e comportamentais desejáveis da subjetividade das princesas são condizentes com o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente. É interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica (XAVIER, 2011, p.60).

Nesse sentido, é necessário analisar e problematizar os filmes como textos culturais, dado que "ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais" (DUARTE, 2009, p.16). Justifica-se também pela importância das/os professoras/es e educadoras/es saberem utilizar os filmes de forma crítica e reflexiva, considerando que esses fazem parte da vida das crianças.

D'Abreu (2012) afirma que palavras como natural ou normal são muito ouvidas e faladas pelos adultos quando querem censurar algum comportamento das crianças que não consideram apropriados. O autor indica que é importante que as diferenças entre os gêneros não sejam consideradas naturais para que as

cobranças, as expectativas, os direitos e os deveres em sala de aula sejam os mesmos, independentemente do sexo da criança. Perceber e entender que as diferenças de gênero são construídas, ensinadas e aprendidas é um dos passos para a construção de uma sociedade mais igualitária para mulheres e homens, e esse entendimento deve ser ensinado desde a Educação Infantil.

EDUCAÇÃO

156

A escola constituiu-se ao longo dos anos como lugar do conhecimento científico, mas também como o ambiente de aprender práticas e valores. A educação possui o aspecto de delimitar as ações, assim como a escola separa e institui aquilo que pode ou não pode, por meio das regras ou normas que, em sua maioria, têm cunho moral e ético. “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOURO, 1997, p. 58).

Por meio destas concepções, práticas educativas reafirmaram os comportamentos tidos como corretos, aceitáveis, disseminados em sociedade, que são os gestos, movimentos, apropriação do espaço, do ser, do fazer que se tornaram parte de seus corpos. “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*” (LOURO, 1997, p.61).

Compreendemos nesse artigo, a Escola como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), segundo os estudos do filósofo marxista Louis Althusser⁵. Nessa perspectiva, a educação tem a função de escolarizar o corpo por meio do uso dos conteúdos, discursos, linguagens e comportamentos. É uma função social

⁵ Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) são instituições governamentais que cumprem determinados objetivos por meio da imposição de normas sobre a população de um local. Os AIE designam realidades que se apresentam na forma de instituições distintas e especializadas. São eles: religioso (Igreja), escolar (escolas públicas e privadas), familiar, jurídico, político (sistema político e seus partidos), sindical, informação (imprensa, rádio, televisão) e cultural (Letras, Belas Artes, Esportes).

implícita em suas práticas e concepções educativas, provenientes da ideologia de um grupo. Reproduzindo de maneira contínua, ao longo dos anos, a desigualdade de classes e destinando o aluno a determinada posição.

Cada grupo dispõe da ideologia que convém ao papel que ele deve preencher na sociedade de classe: papel de explorado (consciência, profissional, moral, cívica e apolítica), papel de agente exploração (saber comandar, dirigir-se aos operários: a –relações humanas) de agente de repressão (saber comandar, fazer-se obedecer –sem discussão ou saber manipular a demagogia da retórica dos dirigentes políticos (ALTHUSSER, 1985, p.79).

Assim, percebe-se que o modelo educacional presente na sociedade serve como um delimitador dos sujeitos, na qual sua formação será pautada por um conjunto de ideias políticas. Revela também quais posições sociais serão ocupadas e que funções serão desenvolvidas pelos mesmos, uma vez que tais funções já são esperadas.

A criação de uma diferença política cria porém, a desigualdade quando se erigem hierarquias e valores sociais, instituindo referentes, desenhando corpos, perfis ideais, estabelecendo exclusões, demarcando espaços, limites de ação e posição, mapeando e classificando o social. Se considerarmos o material e o simbólico como uma realidade única, ordenadora da inteligibilidade humana, vemos a desigualdade política como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas, representações e imagens saturadas de sentido, instauradoras do desenho das formações sociais. (NAVARRO-SWAIN, s.d).

Concentraremos nossos esforços de estudo no recorte da Educação Infantil – que consiste no contato inicial da criança com a educação formal. Na primeira fase da escolarização, propõe-se um aprendizado lúdico, voltado para o prazer de descobrir, experimentar, criar, onde a criança possa se perceber enquanto sujeito em movimento no tempo, no espaço e em interação com o outro. Nessa etapa do desenvolvimento educacional, a omissão diante de um questionamento ou comportamento pode reforçar na aprendizagem das crianças de estereótipos julgados como “o que é normal”: por exemplo, meninas não podem exercer cargos de liderança ou jogar futebol, e meninos não podem brincar de bonecas. Sendo assim, fica evidente a importância da/o professora/r promover

intervenções sobre as questões relacionadas ao gênero, de forma a objetivar a não reprodução da desigualdade de gênero na educação.

De maneira geral, a ideologia presente no ambiente escolar, assim como no conhecimento propagando e repassado para as alunas, é de fato androcêntrico e sexista. “O androcentrismo, um dos preconceitos mais graves e castradores de que precede a humanidade, vem impregnando o pensamento científico, o filosófico, o religioso e o político há milênios” (MORENO, 1999, p.23).

O pensamento androcêntrico compreende as experiências masculinas como o padrão e referência da existência humana para todas as mulheres e todos os homens. Observa-se, ainda, que os materiais vinculados e analisados na sala de aula possuem essa característica androcêntrica. Os livros didáticos, por exemplo, apresentam uma linguagem impressa que tem um discurso voltado ao masculino. Moreno (1999) esclarece que tal discurso vem depois da linguagem oral. A menina aprende desde cedo que quando a professora se refere a meninos (crianças), está mencionando indivíduos de ambos os sexos; e mesmo ocorrendo a diferenciação, o masculino vem sempre em primeiro lugar.

Para as crianças que se encontram no processo de alfabetização, as imagens possuem uma linguagem bastante significativa. Desta forma evidencia-se como é relevante um desenho animado transmitido no ambiente escolar. As imagens, bem como os desenhos, estão repletos de estereótipos relacionados ao universo feminino e masculino. Assim como nos livros didáticos é possível observar a mulher no papel de cuidadora, paciente, submissa, e o homem como independente, forte, destemido. É perceptível que tais estereótipos são expostos de maneira clara na maioria dos filmes das Princesas Disney.

Ao trabalhar diretamente com essas produções cinematográficas no espaço educacional, reafirmam-se discursos implícitos sobre o que é ser menina e menino, e mesmo quando as crianças têm liberdade no momento do brincar, acabam reproduzindo os papéis representados por estereótipos, preconceitos e desigualdades de gênero. A utilização dos filmes sem uma análise crítica, faz

com que a criança passe a receber uma educação com referenciais limitados sobre o feminino e masculino.

A escola não é a única responsável pela difusão de discursos androcêntricos, todavia, é um ambiente em que é possível a promoção de diálogos, questionamentos e discussões, a fim de contribuir para a desconstrução de preconceitos acerca dos gêneros favorecendo a construção mais igualitária do conhecimento.

159

Todo pretense fundamento científico em nome do qual se discrimina a mulher deve ser energeticamente rechaçado e criticado pela escola, para que esta não se converta em cúmplice da manipulação ideológica da ciência e para que se rompa, assim, a cadeia de transmissão do androcentrismo (MORENO, 1999, p.22).

Lançando foco sobre as animações da Disney Princesas, é possível afirmar que essas produções contêm representações que perpetuam o machismo, o sexismo, a heteronormatividade, o racismo, que constituem-se como sistemas estruturais que reproduzem violências e desigualdades existentes na sociedade e que se repetem ao longo do tempo e das gerações. Passam como se fossem neutras e naturais, para olhares não atentos, encantados pelo entretenimento. A partir do momento em que é apresentado para criança apenas um referencial sobre feminilidade e masculinidade, limita-se o universo de possibilidades de ser, fazer e viver o mundo.

É importante discutir os filmes animados da Disney sem simplesmente condená-la como uma empresa ideologicamente reacionária, promovendo, de forma mistificadora e sob o disfarce do entretenimento, uma visão conservadora do mundo; mas tampouco devemos simplesmente celebrá-la como uma fonte de alegria e felicidade para as crianças de todo o mundo (GIROUX, 1995, p.58 apud BREDER, 2013, p.18).

DISNEY

A Disney, com seu grande império em conteúdo infantil, e no que diz respeito às princesas, construiu ao longo da história uma forma de ver o mundo que restringe a ideia do que é ser mulher. A diversidade junto à outras formas de ser e viver acabam deturpadas. E as crianças perdem a possibilidade de saber que não há apenas uma maneira de serem felizes, bonitas e aceitas. Neste sentido, as produções e produtos da Disney marcam a infância despertando o imaginário.

Uma das temáticas problematizadas por meio desta pesquisa é o padrão de beleza adotado pelo cinema e ditado no mundo inteiro. O ideal da mulher perfeita, sem rugas, magra, jovem e de traços finos leva milhares de meninas a copiarem ou imitarem o modo de ser das princesas, seu mundo perfeito, quase intocável. A maioria dos filmes de princesa retrata as personagens em comportamento quase subserviente, passivo, inocente e ingênuo à espera do final feliz. “[...] filmes infantis adaptados pelos estúdios Disney de que cabe ao gênero feminino atitudes passivas, conciliadoras e submissas para que tenha um final feliz e esse discurso dos valores tradicionais é que acaba prevalecendo para inúmeras crianças do mundo inteiro” (MACHADO, 2013, p.8).

Além da beleza, elementos como a delicadeza, a honestidade e obediência, nos casos em que essas características não estavam presentes, as outras personagens assumiam o papel de antagonistas das histórias:

Outros atributos que chamam a atenção eram a delicadeza, a honestidade, e a obediência que complementavam seus encantos. As personagens que não tinham esses atributos, e tentavam se impor pela inteligência, pela maldade ou pela inveja, eram punidas ou simplesmente esquecidas. Desse modo, observa-se que a inteligência era um fator negligenciado pelas sociedades (QUEIROZ E CRISPINIANO, 2002, p.3).

Não obstante, pode-se observar nos desenhos da Disney Princesas, um discurso não apenas androcêntrico, como também de exclusão ao que se refere à padronização de beleza feminina e até mesmo a construção da identidade feminina.

As atitudes, o que é implícito, os gestos atuam da mesma maneira que a propaganda subliminar, usada às vezes de maneira subversiva no cinema e na televisão, emitindo mensagens das quais não somos conscientes, mas que são muito mais eficazes que as explícitas e têm a vantagem de não precisar ser pensadas nem justificadas (MORENO, 1999, p.16).

Ao analisar o discurso vinculado aos filmes das princesas da Disney, entende-se que a criança, que está em desenvolvimento intelectual e social associa tais figuras como modelos do correto e do aceito, identificando-se com a personagem, e assim construindo sua identidade e o ideal a ser conquistado.

Os filmes da franquia Disney Princesas transmitem um ideal de que a boa menina é aquela que age de acordo com o esperado, obedece às regras e não questiona. Espera-se, que as meninas –se portem como princesas, que se mantenham sempre belas, bem arrumadas, dóceis e meigas. As Princesas Disney, representam um ideal de comportamento, de uma época e de uma sociedade, caracterizadas por sentimentos de ternura, docilidade e abnegação. [...] a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p.21).

AS PRINCESAS DA FRANQUIA DISNEY PRINCESAS

As princesas são mulheres jovens (a maioria adolescente) que se destacam principalmente pela beleza e exercem um papel de altruísmo e cuidado com os outros. Os filmes dessa temática representam uma realidade paramentada, sobre o que é ser menina/mulher. Neles, o maior prêmio - depois de enfrentar tantos sacrifícios - é sempre um final feliz, permeados pela conquista do verdadeiro amor e a luta vitoriosa do bem contra o mal. “As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas merecerão como prêmio o seu príncipe encantado” (KHÉDE, 1990, p.33).

A questão da beleza é supervalorizada nesses filmes. Branca de Neve é a mais bela do reino e isso a torna alvo de inveja e planos de assassinato por sua madrasta; Cinderela é desprezada e reduzida à empregada pela madrasta que invejava sua beleza. Beleza tamanha que a destacou no baile, fazendo com que o príncipe se apaixonasse por ela e a procurasse por todo o reino, testando nos pés das jovens solteiras o sapatinho de cristal que Cinderela perde. Aurora recebeu das fadas, como um de seus presentes de nascimento, o dom da beleza.

As personagens acima são passivas, não discutem ordens, obedecem sem reclamar e tem o amor romântico como o maior sonho. O final feliz dessas princesas se concretiza por meio do casamento, que tem também uma representação emancipatória, pois é o fator que as liberta das opressões que sofrem durante a trama. As Princesas Disney, de forma geral, representam um ideal de comportamento, de uma época e de uma sociedade. Porém, nota-se como este ideal continua a se disseminar na sociedade moderna, pois:

Rodeadas por castelos suntuosos, bruxas, madrastas más, vilões, fadas madrinhãs, príncipes encantados, anões e florestas perigosas, apresentam um ideal de beleza, comportamento e amor romântico próprios da nobreza aristocrática, que ainda prevalecem no imaginário popular no século XXI (CECHIN, 2014, p.132).

Estas características são o reflexo de um contexto histórico e social da sociedade representada no filme, que em sua maior parte é europeia. As regras e convenções sociais são o reflexo de um contexto social, de um tempo histórico sendo determinante para os sujeitos de uma época, afirmando quais são as características esperadas do comportamento do homem e da mulher. “[...] a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 1997, p.21).

Tais regras da etiqueta social europeia são enfatizadas em seis dos oito filmes originais da franquia (com exceção de Pocahontas e Mulan), nos filmes em que as personagens principais são as princesas chamadas pelos fãs como - as oito

princesas originais ou - as princesas clássicas. Boa parte de aspectos como beleza, bondade, complacência, abnegação e passividade podem ser percebidos nas histórias dessas princesas. São como deveres impostos às mulheres de como se vestir, como se sentar, modo de falar e se portar que são tidas chamadas de boas maneiras para manter o status social e seguindo ao que a sociedade exige. As regras de etiqueta social deveriam ser seguidas a risca, em específico, pelas mulheres, sendo que qualquer desvio poderia ser motivo de punição como a perda do status e da posição social, pois:

Nesses contos, as regras sociais da aristocracia são referendadas, como a etiqueta da corte, os cuidados com o ambiente de convívio, o requinte da culinária, a educação, a higiene do corpo. No século XVII as regras de etiqueta eram vistas como uma pequena ética, qualquer desvio era considerado falta de escrúpulo e poderia gerar intrigas ou até arruinar posições políticas (CECHIN, 2014, p.137).

Existe uma grande diferença temporal entre a estreia da primeira princesa (Branca de Neve, 1937) até a mais recente (Merida, 2012). São setenta e dois anos de diferença de uma para outra em que podemos perceber um paralelo histórico entre o ano de lançamento dos filmes e as três ondas do movimento feminista.

Os feminismos, graças à sua pluralidade e dinamismo, penetraram as redes discursivas do século XX, desafiando os regimes de verdade que instituem o mundo e suas significações, tais como o corpo biológico (natural) e o papel social (cultural); suas análises ressaltaram os processos e mecanismos que transformam os corpos em feminino e masculino, interpelados pelas práticas de dominação, de assujeitamento ou de resistência. Os feminismos, estas poderosas correntes de contra-imaginário, interrogam assim o social e suas instituições, iluminando a incontornável historicidade das relações humanas e dos sistemas de apreensão do mundo (NAVARRO- SWAIN, 2000, p.48).

As três primeiras princesas: Branca de Neve (1937); Cinderela (1950) e Aurora (1959) foram lançadas no contexto da primeira onda do feminismo, que iniciou no final do século XIX. A primeira onda foi um movimento que contou, principalmente, com a participação de mulheres brancas de classe média que

buscavam educação, novas oportunidades de colocação profissional e questionamentos ao patriarcado familiar. No entanto, o movimento sofreu certa acomodação no início do século XX (LOURO, 1998, p. 15). Vemos que as primeiras princesas são de um contexto em que o feminismo ainda era tímido e uma época em que a mulher está restrita ao lar, limitando-se aos afazeres domésticos enquanto o homem é o seu provedor.

Posteriormente, ao final da década de 1960, temos a segunda onda do feminismo levantando questões sobre a organização tradicional da família, o silenciamento da mulher e as discussões sobre gênero que começaram a serem divulgadas em livros e revistas. Um grande destaque da época foi a intelectual Simone de Beauvoir com sua obra *O Segundo Sexo*, de 1949, em que discorre sobre a opressão da mulher na sociedade (LOURO, 1998, p. 16). Como herdeiras da segunda fase temos as princesas: Ariel (1989); Bela (1991) e Jasmine (1992). Com essas princesas começa-se a perceber uma diferença na representação da mulher nas animações da Disney. As três têm aspecto de rebeldia, anteriormente não visto nas primeiras, elas almejam, cada uma da sua forma, a liberdade.

Por fim, temos: Pocahontas (1995); Mulan (1998); Tiana (2009); Rapunzel (2010) e Merida (2012) que acompanham a terceira onda do feminismo da década de 1990 e foi caracterizada por novas interpretações sobre gênero e sexualidade sob um viés pós-estruturalista. Percebe-se que a partir dessa década, a Disney, na tentativa de acompanhar as mudanças sociais, lançou princesas de outras etnias como Pocahontas, Mulan e Tiana. E, ainda, Merida como uma princesa que não tem o final feliz com um príncipe.

Todas as princesas mencionadas e analisadas neste trabalho apresentam uma evolução em relação à representação feminina ao longo dos anos. No entanto, como pudemos ver nas análises dos filmes e das princesas, o estereótipo, machismo, a hiperssexualização ainda está presentes nas mais recentes produções do universo Disney; Mulan é um nítido exemplo de reforço aos estereótipos tanto masculinos quanto femininos, bem como a heteronormatividade. A enunciação final lança o público de volta ao conflito

original, ao casamento, à necessidade da presença de um homem. A transgressão de Mulan foi temporária, nada que prejudique definitivamente sua função na sociedade. (MACHADO, 2006, p.110).

Observamos esse conservadorismo até mesmo na última animação da franquia Disney Princesas. As personagens são admiradas e imitadas pelas crianças como figuras atemporais e neutras, que por gerações têm influenciado padrões de beleza, de felicidade, de heteronormatividade e reforçado o machismo, o sexismo. As animações da Disney Princesas estão difundidas pelo mundo com aspectos que devem ser, portanto, questionados e problematizados. São filmes que são assistidos diariamente por milhares de crianças e adultos, nas escolas e demais espaços. São fruto de uma sociedade capitalista em que o entretenimento de massa reafirma e legitima estereótipos de formas de viver o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, acreditamos que a Disney, como uma companhia de alcance mundial, tem grande papel na construção do feminino, do que é ser menina e ser mulher. No entanto, ela é apenas uma das diversas formas que a indústria cultural tem de manter o conservadorismo sobre questões tão importantes. É preciso que esses filmes sejam vistos com olhares atentos para que os discursos não sejam tidos como normais e naturais. Deve-se desmistificar e desconstruir as problemáticas quanto ao gênero e a demais categorias sociais que são suprimidas.

Para que as mulheres tenham acesso às diversas áreas da sociedade, compreende-se que é necessário uma formação que tenha como base a transmissão destes conceitos e valores que quebrem a visão tradicional imposta pela sociedade, em que a mulher está limitada e que não tem possibilidades de atuação. A educação possui um papel de grande importância para formar os sujeitos para a prática da cidadania. Educar para os direitos humanos significa uma educação que proponha o respeito à diversidade étnica e social, que promova igualdade entre homens e mulheres. Por meio de uma educação que seja integradora e combata preconceitos e promova a igualdade de direitos, será

possível quebrar as barreiras antes colocadas e disseminadas. Para isso é necessário que conteúdos como os filmes de princesas sejam analisados de forma crítica, questionando o discurso nele veiculado.

Referências

ALADDIN. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 1992. 90 min, color, formato: DVD.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**/ Louis Althusser, tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985, 2. ed.

BELA Adormecida, A (*Sleeping Beauty*). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson ;e Wolfgang Reitherman. Estados Unidos.Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, color., formato: DVD.

BELA e a Fera, A (*Beauty and the Beast*). Direção: Gary Trousdale; e Kirk Wise. Produção: Don Hahn. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 1991. 84 min, color., formato: DVD.

BRANCA DE NEVE e os Sete Anões, A. Direção: David Hand; William Cottrell; Wilfred Jackson; Larry Morey; Perce Pearce; Ben Sharpsteen. Estados Unidos. Walt Disney Productions, 1937. 83 min., color, formato: DVD.

BREDER, Fernanda Cabanês. **Feminismo e príncipes Encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney.** Rio de janeiro, 2013. Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a30-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em 03 out. 2016.

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças.** USP - São Paulo, 2012.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da Disney?. **Revista Zero -a- seis**, Revista Eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância, v. 1, ed. 29, p. 131-147, Semestre jan-jul 2014. DOI file:///C:/Users/Marina/Downloads/30792-106897-1-PB.pdf. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/19804512.2014n29p131/26131>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CINDERELA. Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske; Wilfred Jackson. Estados Unidos. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, color, formato: DVD.

D'ABREU, Lylla Cysne. **A construção social do gênero.** Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto/2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ENROLADOS. (*Tangled*). Direção: Nathan Greno; e Byron Howard. Produção: Roy Conli, John Lasseter e Glen Keane. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 2010. 100 min, color, formato: DVD.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil.** Série Princípios. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade, O “normal”, o “diferente”, e o “excêntrico”. In: **Corpo Gênero e Sexualidade, Um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2003 Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Liliane Maria Macedo. **E a mídia criou a mulher: como a TV e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero.** Tese (Doutorado em História). Brasília - DF: Universidade de Brasília/Programa de Pós-Graduação de História, 2006, 244 p.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.** São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. – (Educação em pauta: escola e democracia).

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 1998, 87 min, color, formato: DVD.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário?** Textos de História, Brasília: Ed. UnB, v.8, n.1-2, p.47-84, 2000.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Identidade, pra que te quero?** Disponível em: <www.

tanianavarroswain.com.br/.../identidade%20p%20q%20te%20qyero>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PEQUENA Sereia, A. Direção: Ron Clements; John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. 83 min., color, formato: 70mm. DVD.

POCAHONTAS. Direção: Mike Gabriel; e Eric Goldberg. Produção: James Pentecost. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 1995. 81 min, color., formato: DVD.

PRINCESA e o Sapo, A. Direção: Ron Clements; John Musker. Estados Unidos. Walt Disney Pictures, 2009. 97 min., color., formato: DVD.

QUEIROZ, Maria Helena; CRISPINIANO, Monyke do Nascimento. **As damas e as donas do castelo. O perfil das mulheres nos contos de fadas adaptados pela dysney nos séculos XX e XXI.** XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, Paraíba 2012.

VALENTE (*Brave*). Direção: Mark Andrews; e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Estados Unidos. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, color., formato: DVD.

XAVIER FILHA, Constantia. **Era uma vez uma princesa e um príncipe: representações de gênero nas narrativas de crianças.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200019&script=sci_arttext>. Acesso 16 set. de 2015.